Jogar a toalha ou protestar

Fernando de Holanda Barbosa

Albert Hirschman, economista alemão e professor da Universidade de Princeton, que morreu em dezembro de 2012, introduziu dois conceitos que ajudam a compreender fenômenos econômicos, políticos, sociais e até mesmo pessoais. Em inglês os dois conceitos são *exit* e *voice*, que traduzi de modo livre por jogar a toalha e protestar. Diante de um problema você pode tomar a decisão de jogar a toalha, isto é, sair (*exit*) porque você acredita que não haja solução e (ou) que sua opinião não será levada em conta. A alternativa é usar os meios disponíveis de comunicação (*voice*, voz) para contribuir na solução do problema. A sociedade brasileira decidiu, na segunda quinzena de junho, sair às ruas das grandes cidades para protestar contra os problemas com que se defronta a população urbana do nosso país. O estopim foi o aumento dos preços das passagens na cidade de São Paulo e a reação virulenta da polícia paulista no primeiro dia da manifestação.

O Brasil desde sempre foi uma sociedade dual: o pobre vai para a escola pública, as classes média e rica mandam seus filhos para a escola privada; o pobre vai para o hospital público, as classes média e rica compram seguros-saúde e utilizam a rede privada; o pobre usa o transporte público, as classes média e rica usam seus automóveis; o pobre depende da polícia para sua insegurança pública, as classes média e rica protegem seus condomínios com grades, dispositivos eletrônicos e segurança privada; pobre quando comete um delito aplica-se o rigor da lei, no caso de uma pessoa rica ou da classe média, contrata-se um bom advogado que sabe como protelar até as calendas gregas a aplicação das leis que foram feitas para protegê-los.

Poderíamos continuar enumerando outros fatos que caracterizam nosso dualismo, mas acredito que esses sejam suficientes para evidenciar a existência desse fenômeno. Como resolver essa dualidade? A estratégia gradualista adotada por nossa sociedade, desde o modelo de substituição de importações do século passado, para resolver parcialmente esse problema, é incorporar cada vez mais a classe pobre na classe média. Não resta dúvida que o Brasil progrediu bastante nos últimos cem anos. Quem conheceu o interior do Nordeste na década de 50, do século passado, sabe que houve uma mudança significativa. No Brasil, as classes média e rica cresceram, mas as desigualdades são tão grandes que ainda estamos mais próximos da África do que da Europa e da Ásia. Uma dura realidade que faz qualquer pessoa esclarecida não ter orgulho desse *status quo*.

A economia brasileira, nos últimos cem anos, cresceu, diversificou-se e atualmente existem condições técnicas e econômicas para

trocar o gradualismo por um tratamento de choque. O pilar do tratamento de choque deveria ser duas reformas: urbana e administrativa do Estado. A reforma urbana tem que resolver os problemas da habitação popular, dos transportes públicos e da infraestrutura urbana. A reforma administrativa do Estado deveria ter como escopo a educação, a saúde e a segurança pública. A primeira reforma requer aumento da taxa de investimento do setor público. A segunda que se desmonte o aparelhamento do Estado cujo organograma não tem nada a ver com a eficiência da administração pública, mas sim satisfazer o apetite dos partidos políticos que apoiam o governo.

A resposta dos governos de São Paulo e do Rio de Janeiro às manifestações populares foi revogar o aumento das passagens e anunciar que terão que cortar uma parcela dos investimentos públicos para subsidiar o transporte público. No curtíssimo prazo é compreensível que os governos, surpreendidos com fatos inesperados, procurem atender à reivindicação dos manifestantes. Todavia, essa decisão está na contramão da solução, a não ser que os políticos acreditem que a população acabe por jogar a toalha em vez de protestar.

Revogar o aumento das passagens e anunciar cortes de investimentos para subsidiar o transporte público está na contramão da solução, a não ser que os políticos acreditem que a população acabe por jogar a toalha em vez de protestar

Fernando de Holanda Barbosa é professor da Escola de Pós-Graduação em Economia da FGV.



CONJUNTURA ECONÔMICA

Assinaturas e renovações

conjunturaeconomica@fgv.br

Rio de Janeiro:
(21) 3799-6844

Outros estados:
08000-25-7788 (ligação gratuita)